



4 Unesp e comunidade local debatem conservação de manguezal no Litoral Sul

12 Centro de Inovação Tecnológica em Bauru une Estado, prefeitura e Unesp

16 Mestrado analisa relação entre violência escolar e uso do poder por professor

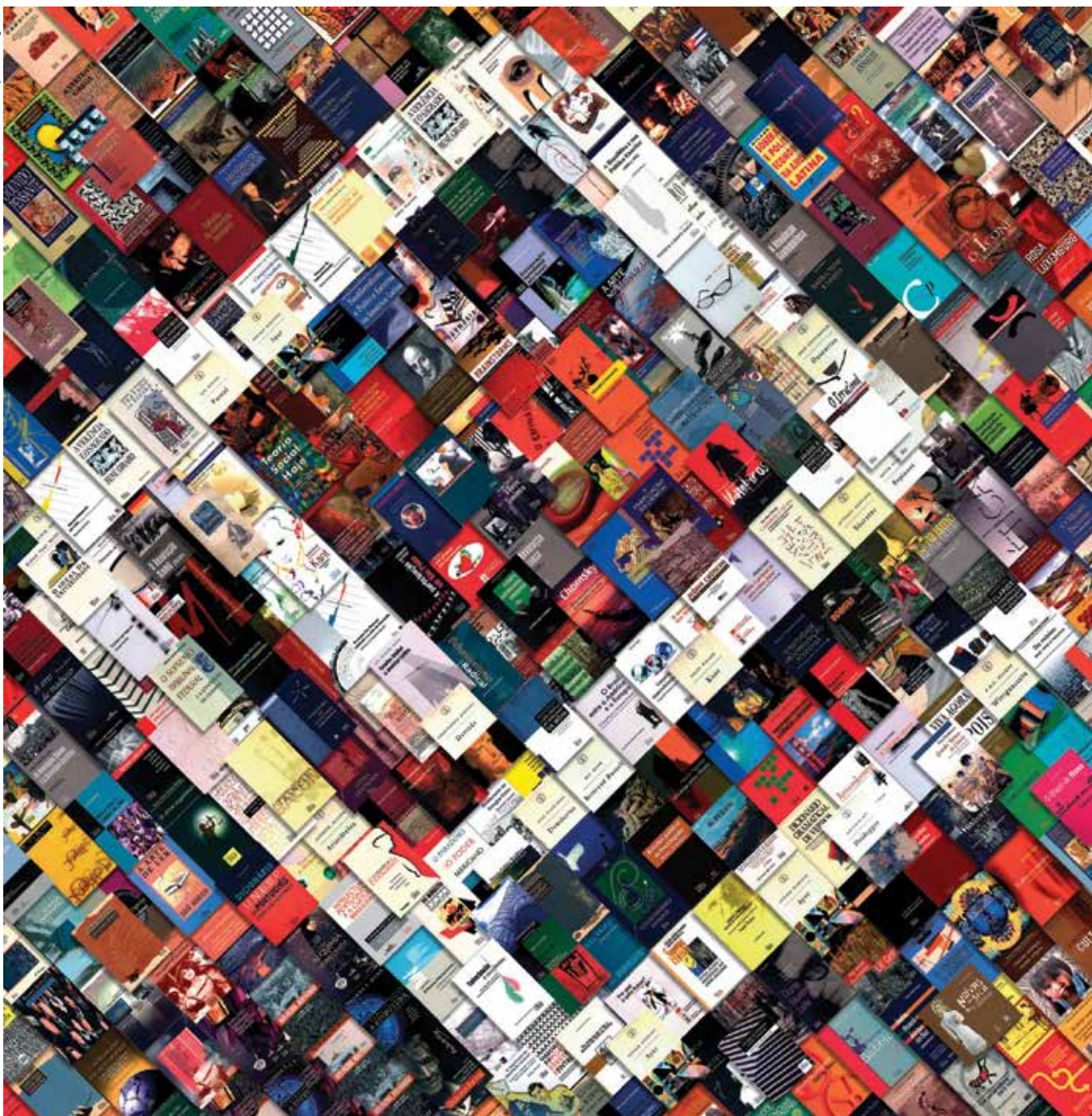


jornal unesp



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA • ANO XXXIII • NÚMERO 335 • AGOSTO 2017

Reprodução



30 ANOS DE UMA IDEIA DE SUCESSO

A Editora Unesp comemora três décadas de atividade, marcadas pela independência editorial e administrativa, com o lançamento de cerca de 2 mil obras de autores relevantes no mundo acadêmico e cultural, conquistando prêmios no Brasil e no exterior. Entre suas diversas iniciativas inovadoras estão o selo Cultura Acadêmica, que divulga o conhecimento gerado pelos pesquisadores da Unesp, e a Coleção Propg Digital, que oferece títulos on-line e já soma mais de 20 milhões de downloads gratuitos de vários países.

páginas 2, 3, 8, 9 e 10.

6 Genética e bactérias no intestino definem resistência de mosquito à dengue

11 Parceria com Intel visa criar centro voltado para Aprendizagem de Máquinas

12 Universidade tem bom desempenho nos rankings Times Higher Education e QS

Pela saúde da plantação
Especialistas analisam manejo de pragas. Edição disponível apenas on-line em:
<<http://www.unesp.br/jornal>>.



Os 30 anos da Editora Unesp

Trajetória bem-sucedida depende de três valores cardeais: independência editorial, presença comercial e pluralidade de catálogo

Jézio Hernani Bomfim Gutierre

Á pelos fins da Idade Média, uma nova tradição começou a se instalar hegemonicamente no Ocidente, tradição que via o conhecimento legítimo como resultado exclusivo da troca de informação e crítica comunitária. O nascimento da ciência empírica está intrinsecamente ligado a esse espírito cooperativo e democrático em que todos podem participar e criticar, deixando para trás o discurso sagrado e dogmático ou a palavra imutável do sábio de plantão. Passa então a ser crucial que toda a comunidade envolvida na pesquisa de determinado campo possa se comunicar, seja para refutar, seja para acatar e aperfeiçoar as ideias dos outros participantes. Nessa dinâmica revolucionária, ciência sem comunicação científica é erudição vazia, onanismo acadêmico, oneroso para a sociedade e simulacro de conhecimento.

As universidades, peça essencial no advento dessa nova maneira de conhecer o mundo, juntaram-se rapidamente a esse esforço ao perceberem a necessidade de alicerçar o diálogo entre os pesquisadores, mesmo aqueles (ou especialmente aqueles) não pertencentes ao seu grupo interno. Justamente para isso Cambridge e Oxford, em meados do século XVI, inauguraram editoras próprias, iniciando uma trajetória ainda hoje marcante, seja para o mundo editorial, seja para o científico.

Foi com esse mesmo espírito que a Universidade Estadual Paulista promoveu, em 1987, a criação de sua editora, iniciativa que viria a constituir um dos setores mais dinâmicos e reconhecidos da **Unesp** no cenário cultural e científico brasileiro. Instituições coletivas, tanto quanto indivíduos, podem ter méritos historicamente atestados. A comunidade da **Unesp**, com a criação da Editora, confirma claramente essa tese: desde sua conformação original, os executivos da Editora, a administração central da Universidade e todos os seus colegiados maiores invariavelmente apoiaram com clareza o fortalecimento de seu braço editorial. Nesse contexto, diretrizes nítidas



Divulgação

Prédio da Editora: qualidade editorial reconhecida por prêmios e prestígio público

garantiram nossa subsistência financeira e operacional e um perfil conscientemente alinhado àquilo que de essencial e saudável existe nas mais emblemáticas editoras universitárias estrangeiras. A manutenção de tais princípios é tão mais elogiável quando se percebe o quanto é difícil promovê-los, mesmo em universidades maiores, mais maduras e mais estruturadas do que a **Unesp** em seus primeiros anos.

Mas quais seriam esses

traços, os valores cardeais que cancelaram e permanecem sendo típicos da trajetória bem-sucedida da Editora? A meu ver, sempre nos beneficiamos de um tripé de sustentação composto por (1) independência editorial, (2) presença comercial e (3) pluralidade de catálogo. A seleção de títulos sempre foi regida pela qualidade do material e a oportunidade editorial, independentemente de sua origem ou apadrinhamentos. O

funcionamento de um conselho editorial efetivo e não apenas homologatório, assessorado por pareceres externos, garante que o processo avaliador seja conduzido da maneira mais eficiente possível. Mas de nada adiantaria uma seleção criteriosa se os títulos selecionados e publicados não fossem devidamente distribuídos e alcançassem seus leitores potenciais. A atenção à presença comercial e a sempre renovada preservação de nossa rede de

distribuição, especialmente em um país com as dimensões do Brasil, permitem que nossos livros circulem e cumpram seu destino. Finalmente, a pluralidade de catálogo, aqui entendida como distanciamento franco da endogenia e sistemática abertura aos temas e autores mais diversos, permite que estejamos presentes horizontalmente, praticamente em todos os temas acadêmicos, e abertos a contribuições de todo o mundo. Com base nesses três princípios, a FEU assegura e aprofunda a inserção da **Unesp** no circuito acadêmico nacional e internacional, em perfeita harmonia com os ideais científicos clássicos mencionados anteriormente.

Hoje, como resultado da aplicação sistemática dos princípios enunciados acima, publicamos 200 títulos todos os anos, possuímos catálogo extraordinariamente sólido, uma distribuição de âmbito nacional, qualidade editorial reconhecida e atestada por prêmios e prestígio público. É bem verdade, entretanto, que os sucessos do passado não garantem a superação dos enormes desafios que se avizinham. O mundo editorial está passando por mudanças profundas, acadêmicas, comerciais e tecnológicas – o advento dos e-books é apenas uma delas –, e todos os seus participantes estão conscientes de que práticas tradicionais deverão ser reformuladas.

Para enfrentar esse ambiente excepcionalmente turbulento, estamos aparelhados com nossos 30 anos de experiência consistente, a integração frutífera com todas as áreas da universidade que nos abriga e um corpo de funcionários competente, profissional e dedicado. Sobre essa base, a **Unesp** pode, com segurança, preservar o orgulho pelo que conquistamos e a confiança no que ainda desenvolveremos.

Jézio Hernani Bomfim Gutierre é diretor-presidente da Fundação Editora da Unesp e professor da Faculdade de Filosofia e Ciências, Câmpus da **Unesp** de Marília

Do local ao internacional

Carlos Erivany Fantinati, ex-diretor da Editora Unesp, aborda o surgimento desse projeto inovador, que buscava abrir a Universidade para o mundo sem perder o vínculo com a cultura local

Diego Moura

Atualmente professor voluntário na Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus da **Unesp** de Assis, Carlos Erivany Fantinati exerceu um papel relevante nos primeiros anos de existência da Editora Unesp, da qual foi diretor de 1991 a 1993. Também integrou o primeiro colegiado do Conselho Editorial (CEAC) da Editora, instituído em 1994. Pela **Unesp**, graduou-se em 1964 e defendeu seu doutorado em 1974, na área de Letras. Entre outras obras, é autor de *O profeta e o escrivão*. Estudo sobre Lima Barreto. Nesta entrevista, Fantinati aborda as questões que marcaram a criação e a consolidação da Editora.

Jornal Unesp: A ditadura civil-militar mal acabara quando o projeto da Editora Unesp foi idealizado. Como esse esforço se refletiu na Editora?

Carlos Erivany Fantinati: Eu participava do movimento de modernização da **Unesp**. E nós tentávamos fazer com que ela fosse a expressão do conjunto das unidades da **Unesp**. Com a crise do regime militar, há uma grande movimentação dentro da **Unesp** para que as linhas que foram impostas a partir de 1976 fossem mudadas. Uma das formas de concretizar esse objetivo foi a criação da Fundação para o Desenvolvimento da Unesp (Fundunesp), da qual fazia parte a Diretoria de Publicações, cujo primeiro presidente foi o professor Marco Aurélio Nogueira.

JU: A partir da criação da Fundunesp, qual foi o caminho percorrido?

Fantinati: Naquele momento criou-se um impasse, porque vinha uma linha de pensamento que abria a **Unesp** para o mundo, cosmopolita, sem deixar de compreender as raízes e os vínculos da **Unesp** com as comunidades locais. Mas havia outro grupo acanhadamente ligado ao localismo forte, que pretendia transformar a editora em “da **Unesp**”. Diante disso,



Livraria Unesp: formação de Conselho Editorial assegurou autonomia na escolha das obras publicadas

Red Photo Imagem Brasil



Contato com ingleses ajudou a definir proposta, afirma Fantinati

houve uma dificuldade para nomear um diretor, após o professor Marco Aurélio. Então fui indicado e conheci o projeto elaborado pelo professor Castilho.

JU: E o que era esse projeto? Quais eram suas expectativas?

Fantinati: Eu percebi que o projeto era muito bom e me entusiasmei por ele. Logo que eu cheguei ia acontecer o primeiro seminário das editoras universitárias brasileiras e inglesas. A partir daí, ficou muito claro para todos nós que a experiência inglesa era realmente encantadora.

Em seguida, nós entramos em contato com o mercado internacional do livro na Feira de Frankfurt. E, acima de tudo, fomos conhecer a experiência de Cambridge. Esse contato abriu nossa cabeça.

JU: Qual foi o caminho percorrido para encontrar um “fio de Ariadne” em relação à escolha das publicações?

Fantinati: Na conversa com os ingleses e algumas editoras universitárias, nós percebemos que o que dava peso era a presença de um conselho editorial acadêmico em que estivessem representadas as diferentes áreas do conhecimento. Ele receberia as indicações dos livros a serem publicados pela editora, submetendo-as a um parecerista externo à universidade. Dessa forma, a gente pôs fim ao livro na linha patrimonialista brasileira. Isso aumentou a pluralidade. Nesse momento ficou claro que tínhamos uma independência editorial em relação à Universidade, e isso foi aceito pela reitoria e pelo próprio conselho universitário.

JU: Ainda nessa linha de raciocínio, como manter o equilíbrio entre o que vem do lado cosmopolita e o que vem do “chão da **Unesp**”?

Fantinati: Nós estávamos fazendo uma abertura para o mundo. E quem fazia as escolhas definitivas era o Conselho Editorial (CEAC). O Brasil tem uma deficiência muito grande em termos de obras clássicas, pioneiras, e cabia a nós, portanto, trazer essas obras.

JU: Como sustentar a qualidade editorial e vender livros sem cair nas pressões mercadológicas ou virar refém do provincianismo?

Fantinati: Com uma editora de qualidade e um conselho forte. Além disso, identificar as carências de obras fundamentais, que não estão publicadas em língua portuguesa, e trazer essas obras para o público. Outro ponto é também a editora lançar-se na compra de direitos autorais, trazendo textos de relevância, e uma boa recepção do público.

JU: Como o senhor avalia o patamar em que a Editora Unesp se encontra hoje?

Fantinati: Eu penso que ao definir, nas suas origens, essa abertura para o mundo, ao mesmo tempo vinculando as obras a uma aprovação do Conselho Editorial, a Editora conquistou uma grande autonomia.

JU: E a transformação em Fundação Editora da Unesp (FEU) também?

Fantinati: Sim, porque, além da independência editorial, com a fundação há uma independência administrativa. Porque, nas origens do projeto, as bases financeiras eram dominadas pela Fundunesp. Agora, com o estabelecimento da FEU, foram estabelecidas regras claras para o financiamento dos livros a serem editados, segundo as exigências próprias de uma editora universitária. Nós também começamos a criar uma linha de publicações dos nossos professores, segundo os padrões do CEAC.

JU: Em O professor e o escrivão, o senhor menciona a expressão “editora de dois gumes”.

Fantinati: O professor Antonio Candido, que foi um dos fundadores do Câmpus de Assis, criou a expressão literatura de dois gumes. Então eu emprestei a expressão para definir o caráter bifronte da Editora Unesp, no sentido de ela estar lá fora, no mundo, e ao mesmo tempo passar por um mergulho nessa cultura local, sem descuidar do “chão da **Unesp**”.

JU: Quando o senhor olha para trás, o que ficou de lembrança daquele tempo?

Fantinati: Antes de tudo, a participação em um projeto bastante inovador. Isso que me tocou. E essa consciência de estar no mundo e, ao mesmo tempo, estar num mundo particular. E sempre movido pelo sentimento de que sou um aluno que saiu, nos anos 1960, de uma pequena cidade chamada Ourinhos. Deixar marcas na instituição foi o que mais me impactou.

Tudo começa no manguezal

Workshop foca conservação do Lagamar, em São Paulo, aproximando Universidade das demandas locais

Marcos Jorge

Manguezais são tidos como berçários da natureza, por fornecer condições ideais para reprodução e desenvolvimento de diversas espécies, além de prestarem uma série de outros serviços, como a proteção da linha costeira. Visando a conservação desse ecossistema, um grupo de pesquisadores da **Unesp** de Registro organizou o I Workshop de Monitoramento Integrado de Manguezais, na cidade de Cananeia, no Litoral Sul de São Paulo, entre os dias 26 e 28 de julho.

O evento foi coordenado pela professora Marília Cunha Lignon e teve apoio da Fundação para o Desenvolvimento da Unesp (Fundunesp) e do Instituto Linha D'Água. Entre os presentes estavam pesquisadores, gestores de unidades de conservação, membros de comunidades tradicionais e do poder público. A diversidade de participantes colaborou para o principal objetivo do evento: recolher propostas de projetos de pesquisa a serem desenvolvidos na região, aproximando a Universidade das demandas locais.

A região sul da costa paulista abriga a maior e mais conservada área de manguezais do Estado (mais de 15 mil ha), além de restingas, Mata Atlântica, praias, estuários, rios e alagados. Tamanha diversidade biológica fomentou a demarcação de mais de 50 Unidades de Conservação – de proteção integral e de uso sustentável – que formam o Mosaico Lagamar.

Além da importância ecológica, esse mosaico ganha relevância socioeconômica por abrigar dezenas de comunidades tradicionais quilombolas e caiçaras, e ser responsável por mais de 60% da produção de pescado do Estado de São Paulo.

O EVENTO

Abordar essas diferentes perspectivas dentro de uma discussão visando à conservação dos manguezais foi um dos desafios do I Workshop de Monitoramento Integrado de Manguezais.

“O termo ‘integrado’ propõe justamente abrir espaço para visões diferentes dentro de um



Marília Cunha Lignon

Maiores e mais conservadas áreas de mangue do Estado são consideradas Patrimônio Mundial Natural

mesmo objetivo: a conservação dos manguezais no Lagamar. Por ser uma área de imensa diversidade ambiental, social e econômica, ela foi reconhecida pela Unesco como Patrimônio Mundial Natural”, explica a docente. De um ponto de vista científico, o termo integrado implica trazer diferentes abordagens que colaborem para a análise da conservação dos manguezais, como estudos da diversidade de fauna e do microclima desses ecossistemas ou ferramentas baseadas na geotecnologia. Nessa perspectiva, o encontro também recebeu um grupo australiano que desenvolve um projeto de monitoramento de manguezais chamado MangroveWatch Program (ver quadro).

Marília, que desde 2001 monitora essa área do litoral

sul paulista, abriu o workshop comparando as paisagens dos manguezais nos municípios de Cananeia e Iguape: enquanto no primeiro a preservação é visível, no segundo há sinais claros de devastação.

Entre os indicadores de devastação apontados pela pesquisa da docente está a quantidade de troncos mortos – são 18% em Cananeia diante de 42% em Iguape –, a diminuição do estrato superior dos mangues (chamado dossel e formado pelas copas das plantas) e a redução da salinidade da água. Tais fatores têm favorecido, por exemplo, o crescimento na região de Iguape de macrófitas aquáticas, plantas de água doce que competem com o mangue, dificultando ainda mais sua recuperação.

O principal motivo da redução de manguezais na

região de Iguape, aponta Marília, foi a construção do Valo Grande. Aberto no final do século XIX para escoar a produção local de arroz por canoas, o Valo Grande era na época um pequeno canal de 4 m de largura que ligou o Rio Ribeira à região estuarina do Mar Pequeno. Por conta da vazão do rio e da erosão das encostas, o canal chega hoje a mais de 300 m de largura em alguns pontos. “O Rio Ribeira é o maior rio do Estado que deságua no oceano. Logo, ele traz muita água doce com sedimentos, parte dela sem tratamento de esgoto e com nutrientes e fertilizantes das culturas da região”, aponta Marília.

ETNOCONSERVAÇÃO

A presença marcante de comunidades tradicionais no

Lagamar e a necessidade de vincular suas tradições e saberes ao uso sustentável dos recursos naturais trouxeram para o evento o conceito de etnoconservação, uma proposta de conservação que, de maneira geral, incorpora ao conhecimento científico o saber tradicional dessas populações locais.

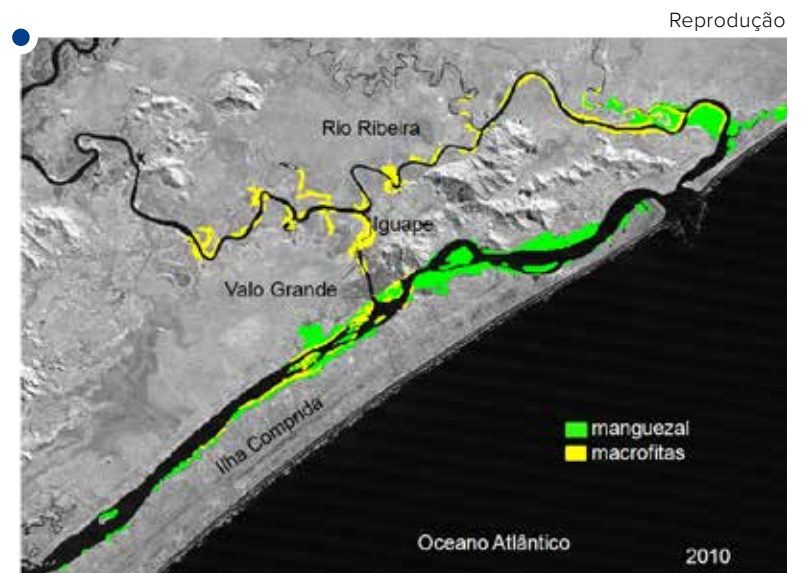
Nessa linha, uma mesa-redonda do workshop reuniu representantes de algumas das comunidades do Lagamar. Chico Mandira apresentou o caso da sua comunidade, o Quilombo Mandira, que reúne pouco mais de cem pessoas e ocupa o local desde o final do século XIX.

Nos últimos anos, gestores, pesquisadores e a comunidade desenvolveram e aplicaram novas técnicas de manejo que não só colaboraram com a manutenção dos manguezais como aumentaram a produtividade, tornando-se uma referência para a região. “O extrativismo organizado e ecologicamente correto também devolveu a autoestima para a nossa comunidade, que era bastante estigmatizada pela nossa atividade. Hoje temos orgulho do trabalho com as ostras”, destaca Mandira.

Essa conciliação entre o extrativismo das comunidades tradicionais e a conservação ambiental costuma ser articulada na elaboração dos planos de manejo obrigatórios de cada unidade de conservação. “Esse perfil de plano de manejo conciliando o ambiente e as comunidades locais nas unidades



Reprodução



Reprodução

Mosaico apresenta problemas, como na região de Iguape, onde o canal do Valo Grande, aberto no século XIX, impacta o ambiente



Quilombo hoje se orgulha de trabalho com ostras, diz Mandira



Para Franco, escola caiçara deve incorporar cultura tradicional



Marília ressalta que Unesp ouve membros da comunidade local



Campolim: Plano de Manejo concilia ambiente e comunidades

de conservação é relativamente novo, ganhando forma no final dos anos 1990", explica Marcos Campolim, pesquisador do Instituto Florestal que participou do trabalho com o Quilombo Mandira. "Antes disso, era comum que comunidades locais fossem restringidas do uso desse espaço que sempre ocuparam no momento em que a unidade de conservação fosse declarada." Uma questão importante apontada no workshop é que a maioria das unidades que formam o Mosaico Lagamar ainda não elaborou seus planos de manejo.

Paulo Franco, membro da comunidade caiçara localizada na Estação Ecológica da Jureia-Itatins, discutiu a criação de um projeto de escola caiçara que incorporasse ao atual currículo escolar conteúdos sobre cultura, práticas tradicionais e conhecimentos sobre o ambiente. Para Franco, é fundamental que o ensino da região consiga aliar o conhecimento acadêmico à sabedoria tradicional. "Recebemos escolas de São Paulo que conscientizam seus alunos sobre a conservação do meio ambiente, mas muitas de nossas crianças, por exemplo, ainda não conhecem o manguezal e sua importância", aponta.

PESCA E TURISMO

Outro grupo ouvido durante o workshop foram os gestores das unidades de conservação que integram o Mosaico Lagamar. Um desses gestores é Edison Rodrigues, responsável pelo Parque Estadual Ilha do Cardoso, unidade de conservação de aproximadamente 13 mil ha criada no início da década de 1960.

O local recebe cerca de 50 mil visitantes por ano e abriga seis comunidades caiçaras, que totalizam 750 habitantes, boa parte deles envolvida em atividades relacionadas ao turismo. "Uma das nossas sugestões para pesquisa é

investigar como promover a presença dos visitantes de uma forma harmoniosa com o meio ambiente e com os moradores tradicionais", afirma Rodrigues.

O gestor também relata que visitas e excursões de escolas são comuns e, se por um lado promovem a educação ambiental, por outro a presença desses visitantes dentro dos manguezais já tem causado impactos negativos nas plantas. Recentemente, uma ponte foi construída sobre a área de mangue para aproximar o visitante das plantas sem provocar a degradação desse local.

A manutenção dos manguezais também é peça fundamental para uma área de forte impacto econômico nesse espaço: a pesca, seja ela industrial (feita por empresas), tradicional (pelas comunidades) ou amadora (por turistas). Para se ter uma ideia, o Lagamar responde por mais de 60% do pescado produzido no Estado de São Paulo, aponta Jocemar Mendonça, pesquisador do Instituto de Pesca, órgão que monitora o sistema pesqueiro dessa área.

"A região tem aproximadamente 8 mil pescadores, que retiram por ano entre 4 mil a 5 mil toneladas de peixe; metade deles estão na região estuarina, próxima dos manguezais", aponta Jocemar. Diversas espécies de peixes buscam as áreas de manguezais para reprodução e alimentação e a redução desse ecossistema prejudica diretamente esses animais. Tanto pesquisadores como pescadores tradicionais já apontam diminuição na diversidade de espécies nas áreas próximas de Iguape, onde as zonas de manguezal estão sendo afetadas pela vazão do Valo Grande.

O último dia do workshop

reuniu todos os participantes para a identificação de demandas e levantamento de propostas para projetos de pesquisa no Lagamar. A ideia

é elaborar um documento que será encaminhado às prefeituras, ONGs e agências de fomento, no intuito de aproximar a Universidade das

demandas da região. "Esse é um movimento que a **Unesp** faz para ouvir gestores e membros das comunidades tradicionais da área", explica Marília.

Na Austrália, pesquisadores e aborígenes trabalham juntos

Marília Cunha Lignon

O workshop recebeu também integrantes do projeto MangroveWatch, que monitora áreas de manguezais no Estado de Queensland, na Austrália, com o auxílio de comunidades aborígenes locais. Assim como no Brasil, os manguezais australianos enfrentam processos de devastação pela ação humana, mas também por fenômenos naturais como inundações, ciclones e aumento da temperatura causados pelas mudanças climáticas. "Em 2015, cerca de 7.500 ha de manguezais foram perdidos em decorrência desses eventos", explica Jock Mackenzie, pesquisador da James Cook University e diretor do projeto. A metodologia envolve atividades de campo onde os monitores registram em vídeo trechos da costa composta por manguezais em conexão com geolocalizadores. Feito o registro, o material é processado para um software que coleta os dados e é capaz de apontar áreas de erosão, trechos com quedas de árvores, ocupação humana e alagamentos, entre outras informações. "O trabalho dos membros da comunidade é fundamental porque são eles que fazem esse registro que, realizado por um longo período, oferece informações valiosas", explica.

Do ponto de vista da comunidade local, o projeto tem ajudado a reatar os laços com a terra em que ela vive e com suas tradições. "Desde a



Equipe australiana capacitou monitores, na região de Cananeia

chegada dos colonizadores, as comunidades aborígenes diminuíram bastante em decorrência de doenças e perseguições, além de terem sido deslocadas de suas terras originais", explica Ric Fenessy, membro da comunidade Gooreng Gooreng que trabalha em uma entidade que facilita a participação dos moradores em projetos ambientais como o MangroveWatch. "Hoje, essas comunidades estão retornando e se conectando novamente com suas terras por meio do engajamento na conservação ambiental." Tobias Flynn é um dos jovens moradores engajados no projeto de manutenção de manguezais. Em troca, recebe ajuda de custo e bolsa para cursar Biologia Marinha na universidade. "Nossa relação com os manguezais é religiosa: acreditamos que devemos cuidar dos manguezais para que eles cuidem de nós. Essa crença estava se perdendo, mas tem sido recuperada com

o empoderamento comunitário nesses projetos", aponta. A visita dos três integrantes foi viabilizada por meio de uma chamada proposta pela Unesco na Austrália. Após o evento, foi feito um treinamento da metodologia do projeto com monitores da Associação de Monitores Ambientais da Cananeia. "Esse é um programa bastante interessante porque envolve a comunidade local no monitoramento e são eles quem mais conhecem, por exemplo, a dinâmica dos rios da região", aponta a professora Marília Cunha Lignon. O próximo passo, segundo a docente, é tentar implantar esse modelo de projeto para os manguezais do Lagamar. Marília explica que o material coletado nesse treinamento será usado na elaboração de dois artigos científicos. O primeiro analisará o estado de conservação dos manguezais na área do Valo Grande e como isso influencia a pesca no local, enquanto o segundo artigo irá comparar o estado de conservação de Iguape e Cananeia e como isso tem afetado as comunidades locais. Os artigos vão envolver pesquisadores da **Unesp**, do Instituto Florestal, Instituto da Pesca e do projeto MangroveWatch. Os visitantes australianos também visitaram o Câmpus da **Unesp** em Registro, onde conversaram com os alunos sobre o ensino superior na Austrália e oportunidades de intercâmbio.

A dengue no *Aedes aegypti*

Equipe propõe que genética e bactérias no intestino definem resistência de mosquito à doença

Agência Fapesp

Durante a programação da Escola São Paulo de Ciência Avançada em Arbovirologia, que ocorreu entre os dias 29 de maio e 9 de junho em São José do Rio Preto (SP), o pesquisador Jayme Augusto de Souza-Neto, do Instituto de Biotecnologia, Câmpus da **Unesp** de Botucatu, apresentou os resultados mais recentes de sua linha de pesquisa, que compara o microbioma e o perfil genético de três diferentes populações de mosquitos *Aedes aegypti*.

Os espécimes foram coletados nas cidades de Botucatu (SP), Neópolis (SE) e Campo Grande (MS). Após alimentar os mosquitos em laboratório com sangue contaminado com o sorotipo 4 do vírus da dengue, o grupo observou que apenas 30% dos mosquitos coletados no interior paulista se contaminavam, enquanto o índice ficava entre 70% e 80% nas outras duas populações, originárias de



Wikipedia

Estudo mostra que contaminação de inseto varia segundo local de coleta, diz Souza-Neto (sentado)

locais onde a incidência de dengue é maior.

Por meio de técnicas de sequenciamento de genes em larga escala, o grupo identificou as espécies de bactérias que colonizavam o intestino dos mosquitos e observou que o microbioma presente nos grupos

mais e menos suscetíveis era completamente diferente.

Os dados mostraram ainda que, enquanto em Botucatu a infecção alterou muito pouco a expressão gênica do mosquito, nas outras duas populações diversos genes foram ativados ou suprimidos em resposta ao vírus.



Divulgação

agrupam não pela suscetibilidade à infecção e sim pelo local de coleta dos mosquitos. Isso sugere que o microbioma seja definido pela geografia, com forte influência da genética do mosquito", conta Souza-Neto.

A hipótese que o grupo da **Unesp** tenta comprovar é a de que esses dois fatores em conjunto – genética e microbioma – determinariam se o inseto vai ou não ser infectado pelo vírus da dengue. A pesquisa conta com apoio da Fapesp e, segundo Souza-Neto, os resultados poderão abrir caminho para novas estratégias de controle da doença através do uso de bactérias encontradas no intestino do próprio vetor.

Leia mais em:
<agencia.fapesp.br/21036/>.

Veja reportagem completa em:
<<https://goo.gl/61iAiF>>.

Tamanduá-bandeira resiste

Presença de espécie em fragmentos de Cerrado no nordeste do Estado é avaliada em pesquisa

Maristela Garmes

Foi na região nordeste do território paulista, onde o Cerrado tem a sua área reduzida e modificada pela expansão das cidades e pelas atividades agrícolas, que a pesquisadora Gisele Lamberti Zanirato foi buscar um objeto de estudo cada vez mais raro: o tamanduá-bandeira.

Gisele queria saber se o animal continua ocupando esses espaços alterados no Cerrado. "A perda da vegetação nativa, tanto dos fragmentos (áreas remanescentes da floresta) quanto da paisagem, pode levar a reduções de ocorrência dos tamanduás no nordeste do Estado de São Paulo", diz.

A orientadora do estudo, professora Rita de Cássia Bianchi, do Departamento de Biologia da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV), Câmpus da **Unesp** de Jaboticabal, conta que o trabalho



Divulgação

Análise constatou que animais estão ativos de dia e de noite

fornece informações básicas da ocupação do tamanduá-bandeira em uma paisagem pobre em vegetação nativa e com predomínio de cana-de-açúcar. A pesquisa foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE), Câmpus da **Unesp** de São José do Rio Preto.

"Apesar da ocorrência da

espécie, inclusive em canaviais e outras plantações, Unidades de Conservação maiores e com remanescentes de vegetação nativa em sua zona de amortecimento são os melhores cenários para a conservação dessa espécie de mamífero ameaçada de extinção, afetada pela perda e fragmentação de habitat, caça, atropelamentos e pelo uso indiscriminado de

defensivos agrícolas", ressalta a professora.

Em sua pesquisa, Gisele avaliou a presença ou ausência dos tamanduás, analisando 20 fragmentos de vegetação nativa, que se distribuíam em meio às pastagens e plantações de cana-de-açúcar, soja, café, pinus e eucalipto. Os dados da pesquisa foram obtidos por meio de armadilhas fotográficas.

Em cada uma dessas áreas, ela analisou o tamanho do fragmento e sua distância em relação aos fragmentos ao redor, a quantidade de água e de vegetação na paisagem. "Esse mapeamento é importante para explicar a ocorrência dos animais nos fragmentos rodeados por plantios de cana-de-açúcar, silvicultura e pastagens", explica.

A pesquisa também verificou se, entre as populações de tamanduás-bandeira que ocupam

os fragmentos com áreas de diferentes tamanhos, haveria diferenças no seu padrão de atividade – ou seja, no período em que os animais ficam mais ativos. "Os resultados mostraram que não houve diferença entre os que ocupavam os fragmentos menores e o fragmento maior", afirma Gisele.

A pesquisa avaliou também que os tamanduás-bandeira estão praticamente ativos das 6 h às 17 h (atividade diurna) e das 18 h às 5 h (noturna). "Quando estão ativos, tanto de dia quanto de noite, diz-se que o padrão de atividade é catemeral", reforça.

Os resultados apontam ainda que a probabilidade de ocorrência dos tamanduás-bandeira nos fragmentos tende a crescer quanto maior essa área for e também quanto maior a porcentagem de vegetação nativa ao redor do fragmento.

Óleo de buriti na culinária

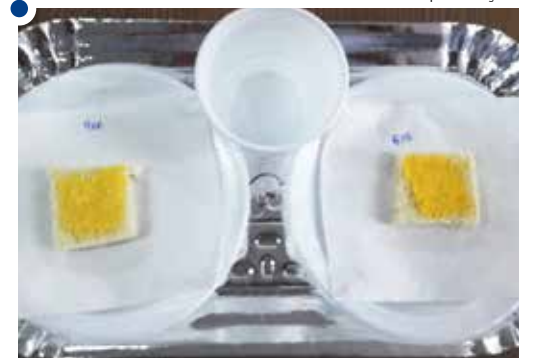
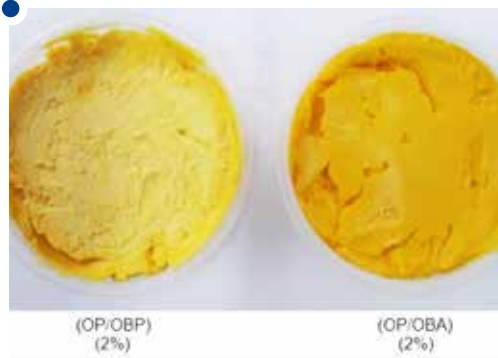
Produto está sendo analisado para melhorar características nutricionais de creme vegetal

Maristela Garmes

O buriti é uma palmeira de origem amazônica encontrada nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste (em Minas Gerais). Seu uso vai da confecção de móveis, cobertura de casas e artesanatos a vários tipos de alimentos, do tratamento contra infecções ao aproveitamento como ração animal e adubo.

Uma pesquisa desenvolvida no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), Câmpus da Unesp de São José do Rio Preto, mostra que esse produto também pode melhorar as características nutricionais do creme vegetal à base de óleo de palma, utilizado na alimentação caseira como substituto da manteiga e da margarina.

“A intenção dessa pesquisa é agregar o valor nutricional do óleo de buriti ao creme vegetal”, diz o responsável pelo estudo, Pedro Alberto Pavão Pessoa, doutor pelo Programa de Pós-Graduação



Fotos reprodução

Acima e no centro, amostras de creme vegetal com diversas porcentagens de óleo de buriti; à dir., amostras dos cremes em pedaços de pão de forma para teste de sabor

em Engenharia e Ciência de Alimentos do Ibilce.

O creme vegetal é formado por uma mistura de óleo e água e não possui leite e derivados. “O óleo de buriti tem substâncias que contribuem com a cor, aroma e sabor, sem o uso de aromatizantes e corantes no produto”, justifica Pessoa.

O óleo apresenta vitaminas A e E, ácido oleico (ômega 9), fitosteróis e tocoferóis – substâncias importantes pelo seu valor nutritivo e ação antioxidante, segundo Pessoa, que atualmente é professor do Instituto Federal do

Maranhão (IFMA).

A extração do óleo de buriti foi feita a partir da polpa do fruto, por meio de prensagem a frio (método de extração que garante um óleo 100% puro e natural), no laboratório do Instituto Federal. O estudo também utilizou o óleo doado pela empresa maranhense Fazenda Água Boa, que faz a extração de forma artesanal. Foram assim produzidos dois tipos de cremes vegetais, cada um deles utilizando um desses óleos de buriti disponíveis.

Pessoa explica que a

adição do óleo de buriti no creme vegetal foi limitada a 2%. Segundo ele, percentuais superiores comprometeram o sabor, o aroma e a cor característicos do creme.

A partir da produção dos cremes, alguns consumidores avaliaram o produto, utilizando escala de 0 a 9 pontos. A média dos avaliadores foi de 7,8 para aparência e 7,0 para cor, aroma, textura, sabor e aceitação global. “Essa pontuação indica que eles gostaram do produto”, comenta Pessoa.

Com relação à pesquisa sobre a intenção de compra, numa escala

de 0 a 5 pontos, a média dos avaliadores foi de 4, indicando que eles provavelmente comprariam os produtos.

De acordo com a orientadora do trabalho, a professora Neuza Jorge, do Departamento de Engenharia e Tecnologia de Alimentos, “a aplicação do buriti em creme vegetal surge como alternativa para o uso desse fruto, uma vez que esse produto é consumido em larga escala pela população das regiões Norte e Nordeste e, ao mesmo tempo, poderá agregar valor econômico ao fruto e contribuir com a economia local”.

Teste de frutas amazônicas

Grupo estuda movimento de órgãos, uso direcionado de drogas e ação de nanopartículas magnéticas

Há pouca informação científica sobre o araçá-boi, o abiu-grande, o araticum, o biri-biri e o mangostão-amarelo, frutos típicos da região amazônica. Essa deficiência começa a ser superada com o doutorado de Fernanda Rosan Fortunato Seixas, que analisou as características físico-químicas, o potencial benéfico e a toxicidade das substâncias presentes nas polpas desses produtos. O trabalho foi desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Ciência dos Alimentos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce) da Unesp de São José do Rio Preto.

“Informações como os potenciais benéficos e de toxicidade podem estimular não só o aproveitamento e a inserção dessas frutas nas dietas tradicionais, mas também a formulação de novos produtos e o



Divulgação

O mangostão-amarelo não teve efeitos significativos em ratos

ganho dos pequenos produtores rurais da região”, reforça Fernanda, que foi orientada pela professora Natália Soares Janzantti, do Departamento de Engenharia e Tecnologia de Alimentos do Ibilce.

BENEFÍCIOS OU TOXICIDADES

Com testes em 60 ratos, a pesquisadora analisou o hematócrito total, leucócitos

totais, glicemia, triglicerídeos e colesterol total, transaminase glutâmica oxalacética citoplasmática (TGO) e transaminase glutâmica pirúvica citoplasmática (TGP), ureia e creatina. O hematócrito representa a porcentagem de glóbulos vermelhos no sangue; os leucócitos, ou células brancas, defendem o organismo contra doenças; triglicerídeos envolvem as principais gorduras

do organismo; glicemia é a quantidade de glicose (açúcar) no sangue. O TGO auxilia o diagnóstico de várias doenças, enquanto o TGP ajuda a identificar disfunções hepáticas. A presença da ureia, na urina, e a creatina, no sangue, pode indicar problemas renais.

O consumo do araticum, por exemplo, levou a uma queda significativa de leucócitos, ao aumento dos triacilgliceróis e a uma tendência de redução da glicemia e ao aumento do hematócrito e do colesterol. “Comer araticum pode ser interessante para reverter quadros de anemia, porém sua ingestão por indivíduos imunodeprimidos (como no caso do câncer) deve ser cautelosa, já que esse fruto reduz a quantidade de leucócitos totais”, diz. O consumo do araçá-boi, por sua vez, reduziu o colesterol nos ratos.

A ingestão de araticum

ou de abiu pode beneficiar principalmente indivíduos com resposta imune superativa (alergias, inflamações e outras doenças). O mangostão-amarelo não desencadeou alterações significativas nas análises dos animais.

Já o biri-biri revelou toxicidade, ocasionando danos hepáticos e indícios de danos renais nos ratos. “Com exceção do biri-biri, todos os frutos apresentaram-se seguros para consumo humano”, alerta Fernanda, que também é professora das Faculdades Integradas de Cacoal (Unesc), em Rondônia, em cujo biotério foram realizados testes, com a colaboração da professora Bruna Kempfer Bassoli.

“Já iniciamos testes com outros frutos amazônicos e esperamos encontrar também resultados importantes como os demonstrados nesse estudo”, finaliza. (MG)

LIVROS ABERTOS AO MUNDO

Aos 30 anos, Editora Unesp afirma presença da Universidade na cultura e na ciência, levando conhecimento à sociedade por meio de um trabalho que é referência internacional

Diego Moura

Brasil ainda respirava os vapores terminais da ditadura civil-militar (1964–1985) quando, pela primeira vez, a Editora Unesp foi mencionada, nas páginas do *Jornal Unesp*, em agosto de 1987. Nascia então uma proposta de democratização do conhecimento, resultado dos movimentos que acompanhavam a própria Universidade. Trinta anos depois, comemora-se um projeto editorial “amplo, pluralista e moderno, capaz de afirmar uma personalidade para a **Unesp** nesse campo e de consolidar sua imagem institucional no mundo cultural e científico brasileiro”, como assinala o primeiro diretor de publicações da Fundação para o Desenvolvimento da Unesp (Fundunesp), Marco Aurélio Nogueira, professor do Câmpus de Araraquara.

José Castilho Marques Neto, que ficou à frente da Editora por 27 anos, atribui ao aniversário de 30 anos o “orgulho e a sensação de bons serviços prestados por todos que tornaram isso possível”. “Meu primeiro documento em 1988, ao diretor Marco Aurélio, propunha um caminho que expressava um pensamento coletivo: ‘criar uma editora ágil, moderna e, ao mesmo tempo, compatível com sua função institucional de editora universitária’”, lembra Castilho, também docente do Câmpus de Araraquara. “Concentro essa lembrança de todos no meu saudoso amigo Evaldo Sintoni, criador da frase do primeiro cartaz da Editora: ‘Uma ideia que está virando livro.’” (Já falecido, o cientista político Sintoni também lecionou em Araraquara e participou da gênese da Editora.)



Universidade apoiou fortalecimento de braço editorial, diz Jézio

Marco Aurélio enfatiza que, naqueles tempos, a ideia do grupo responsável pelos passos iniciais desse projeto “era dar vazão à produção da Universidade, contribuir para divulgar textos de qualidade científica e ativar uma política editorial que marcasse posição na vida acadêmica brasileira”. “Ter podido participar de sua fase inaugural e ajudado a fazer com que um sonho se tornasse realidade é algo que se incorporou a minha trajetória como uma realização”, comemora.

A primeira publicação, feita um ano antes da fundação oficial da Editora e em coedição com a Paz e Terra, já sinaliza o que seriam os anos vindouros. *Sartre no Brasil – A conferência de Araraquara* chegou às livrarias como documento histórico da passagem do intelectual francês e de sua companheira, Simone de Beauvoir, pelo interior paulista.

Desde então, o texto sobre o filósofo ganhou a companhia de mais de 2 mil obras de



Castilho: orgulho pelo serviço prestado por membros da Editora

distintas áreas do conhecimento, trazidas a lume após o crivo do Conselho Editorial Acadêmico (CEAC) da Editora, instituição colegiada que discute as obras passíveis de publicação. “A Editora Unesp traz em sua própria concepção uma meta de socialização e democratização do conhecimento. Ela é uma das pontes entre o conhecimento produzido na universidade e a sociedade”, assinala o reitor da **Unesp**, professor Sandro Roberto Valentini. “Não resta dúvida de que a Editora hoje ganhou projeção nacional e internacional e se consolidou como uma das mais importantes da América Latina.”

“Desde sua conformação original, os executivos da Editora, a administração central da Universidade e todos os seus colegiados maiores invariavelmente apoiaram com clareza o fortalecimento de seu braço editorial”, atesta o diretor-presidente da Editora, Jézio Hernani Bomfim Gutierre (*leia artigo completo na página 2 desta edição*).



Fase inaugural de trabalhos marcou trajetória de Marco Aurélio

INDEPENDÊNCIA E PIONEIRISMO

Essa trajetória reforça o compromisso com a independência editorial, além de demonstrar na prática a qualidade do material editado. São mais de 40 prêmios no Brasil e no exterior, como o Jabuti – incluindo o Jabuti de Ouro na categoria de não ficção –, o Juca Pato, as premiações da Associação Brasileira de Críticos de Arte e da Academia Brasileira de Letras, além do Gourmand World Cookbook Awards 2016 e do Prix de la Littérature Gastronomique 2015.

“Tenho convicção que a Editora teve e tem grande papel no fortalecimento da vida intelectual e acadêmica brasileira, quicá latino-americana”, ressalta Tullo Vigevani, pesquisador de Ciência Política na área de Relações Internacionais. “Ela pertence a uma universidade, mas soube ser plural e aberta ao que há de melhor em todas as instituições e na sociedade civil.”

Outro momento importante



Editora conquistou projeção internacional, segundo Valentini

e que traduz um pioneirismo entre as editoras universitárias brasileiras ocorre com a transformação da Editora em Fundação Editora da Unesp (FEU), no ano de 1996, o que lhe garantiu maior autonomia editorial e administrativa. “Um dos mais importantes e significativos projetos da **Unesp**, sua Editora, hoje plenamente consolidada, completa três décadas de atuação no mercado editorial brasileiro, no qual construiu, com exemplar constância e incansável aplicação, um lugar de destaque”, ressalta o professor Arthur Roquete de Macedo, reitor da **Unesp** de 1993 a 1997, que também acompanhou essa mudança.

“A FEU, ao ser criada, tinha como meta a vontade da **Unesp** de fazer cumprir sua missão de não apenas gerar, mas também difundir conhecimento. Contou sempre com o apoio e incentivo de todas as diversas reitorias que, ao mesmo tempo, procuraram não interferir na sua política editorial”, relembra o professor Paulo Milton Barbosa Landim, reitor de 1989 a 1993.



Ceccantini promoveu mostras que circularam pela Universidade



Contato com vários autores é destacado por Antonio Manoel



Objetivo era divulgar produção da Universidade, ressalta Landim



Roquete acompanhou transformação da Editora em Fundação



Para Macari, investimento na Editora beneficia sociedade

Acervo ACI



Amorim festeja lançamento de livro no aniversário de 30 anos

A memória intelectual que impregna a Editora remonta a tempos anteriores à sua existência, no prédio da sede, localizado no número 108 da Praça da Sé. “É uma interessante coincidência que um dos mais importantes escritores e editores do Brasil, Monteiro Lobato, teve sua primeira editora no prédio hoje ocupado pela Editora Unesp”, comenta Landim. A ensaísta, pesquisadora, crítica literária, autora de literatura juvenil e professora universitária Marisa Lajolo não se lembra de quando conheceu a Editora, mas sublinha que ficou “muito impressionada quando soube que seu prédio tinha sido ocupado pela editora de Monteiro Lobato”.

Já o professor Antonio Manoel dos Santos Silva, reitor entre 1997 e 2001, recorda-se da Editora desde sua criação. “Tive, nesse período, contato com muitos dos autores publicados por ela, ou por causa do convívio intelectual ou porque fazia parte do Conselho Editorial”, afirma. “Dentre tantas obras que li e ainda consulto, não posso deixar de citar três: *Metamorfoses*, de Edward Lopes, *Os metros do Boca*, de Rogério Chociay, e *A face oculta da Universidade*, de Wladimir Kourganoff”.

“Os parabéns pelos 30 anos de existência da Editora Unesp devem ser vistos como desafio para os próximos anos”, destaca o professor Marcos Macari, reitor de 2005 a 2009. Ele considera que



Atendimento a demanda de leitor qualificado é elogiado por Lafer

investimentos na Editora ampliam o acesso das pessoas aos livros e, conseqüentemente, ajudam a melhorar o quadro social no Brasil.

AUTORES BRASILEIROS...

O projeto editorial da Unesp soma relevantes autores do país e do exterior. O embaixador Celso Amorim esteve em maio no prédio da Praça da Sé, onde realizou uma conferência sobre sua obra *A grande estratégia do Brasil*, que integra o catálogo da FEU. “Fico muito orgulhoso de poder fazer o lançamento do meu livro coincidindo com os trinta aniversários da Editora Unesp”, disse na ocasião. Ele ainda frisou a importância das editoras universitárias, por darem “ao autor uma liberdade de se expressar de uma maneira que não tem nenhuma relação com o mercado diretamente”.

O jurista e ex-ministro das Relações Exteriores Celso Lafer esclarece que seu contato com a Editora se deu por meio do economista Gilberto Dupas, seu amigo. “Gilberto apreciava a qualidade da Editora Unesp, que publicou muitos dos seus livros. Entre eles um livro póstumo, *Desafios da sociedade contemporânea* (2014), que tive a satisfação de prefaciar”, explicou. “Desejo longa e proveitosa vida à Editora Unesp, que cumpre tão bem a missão de uma editora universitária, de assegurar no seu catálogo, para um público leitor qualificado, obras de relevo e mérito.”



Green garante que indicou Editora a colegas norte-americanos

Ex-professora de História da USP e da PUC/RJ e autora de 37 livros – vários deles pela Editora –, Mary Del Priore acredita que entre um escritor e uma editora há sempre um caso de amor. “Pois a boa editora investe e defende o autor. E este, por seu lado, corresponde, não apenas expandindo a sua criatividade, como dando o melhor de si”, ressalta. “Uma editora onde todos os autores têm vontade de trabalhar é um enorme sucesso. E ela tem um nome: Editora Unesp.”

“Minha relação com a Editora Unesp é totalmente afetiva, sinto como se fosse a minha casa”, afirma Isabel Loureiro, professora aposentada do Departamento de Filosofia do Câmpus da Unesp de Marília. Com obras ligadas à pensadora Rosa Luxemburgo, ela começou a se relacionar com a Editora em 1992, quando sua tese de doutorado foi publicada e venceu o Prêmio Jabuti na categoria de Ciências Humanas.

João Luís Ceccantini, professor do Câmpus de Assis que atua principalmente nas áreas de literatura e leitura, recorda com carinho duas mostras relacionadas à Editora que ajudou a montar e que circularam por toda a Universidade. A primeira reunia fotografias e painéis que contavam a história do livro no Brasil; a segunda, chamada “Edição fora de série”, apresentou criações de quatro jovens do Instituto de Artes a partir de 15 livros que marcaram a trajetória da Editora. “Eu gostei demais de



Na opinião de Vigevani, projeto marcou vida acadêmica do país

participar desses projetos, porque pudemos mostrar aos câmpus o funcionamento da Editora e eles puderam conhecer um pouco do trabalho intelectual, de projeto, por trás dos livros”, celebra.

...E NOMES DO EXTERIOR

O historiador inglês Peter Burke visitou o Brasil pela primeira vez em 1986 e, no ano seguinte, deu um curso no Câmpus de Araraquara. “Depois desse curso, vim ao país para falar da minha primeira publicação, pela Editora Unesp. Então, para mim, esses 30 anos têm um significado pessoal também”, contou durante a conferência sobre o livro *Testemunha ocular: a imagem como evidência histórica*, lançado por ocasião dos 30 anos da Editora, em junho.

“Precisamos da Editora Unesp para explorar novos campos culturais, assumindo riscos, em função de um compromisso com o conhecimento e com a justiça social”, aponta Michael Löwy, pensador brasileiro radicado na França e autor de *Afinidades revolucionárias*, escrito juntamente com Olivier Besancenot e publicado pela Editora. Löwy também é autor de *Ler Marx*, criado em parceria com Gérard Duménil e Emmanuel Renault, outro título que a FEU lançou. “A tradução, a edição e a promoção dos livros foram levadas com muito primor e dedicação”.

James Naylor Green, autor de *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina*



Livro sobre Rosa Luxemburgo rendeu prêmio Jabuti a Isabel

no *Brasil do século XX*, também publicado pela Unesp, concorda com Löwy. “Quando um colega norte-americano me pergunta para onde deve enviar o manuscrito para a edição do seu trabalho em português, sempre indico o Jézio [Gutierrez] e a Editora Unesp. Talvez seja a melhor editora acadêmica no Brasil”, acentua.

INOVAÇÕES CONSTANTES

A FEU se destaca ainda por constantes inovações em suas atividades. Em 1987, por exemplo, promoveu a criação de um novo selo editorial: o Cultura Acadêmica, idealizado para atender às demandas editoriais dos múltiplos câmpus da Universidade. E, em 1999, nasceu a Universidade do Livro (Unil), o braço educacional da FEU, que realiza cursos, palestras e encontros para profissionais e aspirantes do setor editorial.

Outra iniciativa importante surge com a primeira safra de livros em formato digital, publicada a partir de 2010. “A Fundação está plenamente conectada com a era da informação, promovendo o acesso mais amplo à leitura. O lançamento da Coleção Propg Digital, com textos produzidos nos Programas de Pós-Graduação da Unesp, disponibiliza obras para download gratuito, permitindo um alcance social ilimitado aos usuários”, assinala o reitor Sandro Valentini. Já são 579 obras disponibilizadas nesse formato, com mais de 20 milhões de downloads gratuitos provenientes de diversos países.

“Uma instituição universitária não pode parar em função das rápidas transformações sociais e tecnológicas que vivemos atualmente”, reforçou Valentini. “O grande acervo da Editora, com livros de pensadores e estudiosos consagrados, no Brasil e no exterior, é de fácil acesso, pois a Fundação Editora da Unesp conta com livrarias próprias (física e virtual), o que facilita o contato com o público leitor. Todas essas ações são importantes para que possamos refletir e agir diante da complexidade da realidade atual e das novidades do mundo editorial.”



Burke acentua que os 30 anos têm significado especial para ele



Segundo Mary, autores gostam de se relacionar com a Editora



Lowy destaca tradução, edição e promoção de seus trabalhos



Relação do prédio da Sé com Lobato chamou atenção de Marisa

Mensagens à aniversariante

Autoridades e especialistas da área editorial do país e do exterior destacam relevância da Editora

Fotos Acervo ACI



Márcio França, vice-governador e secretário de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado de São Paulo

“Qualidade editorial e compromisso com o Estado de São Paulo e o Brasil. Assim vejo o serviço prestado pela Editora Unesp nesses 30 anos em que tivemos a felicidade de acompanhar o lançamento de diversas publicações essenciais ao entendimento do contexto econômico, social e político do Brasil. Tanto que, como editora universitária, a **Unesp** é hoje uma referência internacional. Parabéns a toda a equipe da Fundação Editora da Universidade Júlio de Mesquita Filho.”



Cristovam Buarque, senador da República e escritor

“Sou filho de uma família em que o orgulho de meus pais eram os livros, os estudos. Pela **Unesp**, tenho muito orgulho e carinho por ter publicado dois livros: *A universidade na encruzilhada* e *A aventura da universidade*. Ao longo de seus 30 anos, o potencial agregador da Editora Unesp permitiu divulgar ideias do passado, refletir sobre o presente e lançar perspectivas para o futuro. Porém, o mais

importante foi democratizar o conhecimento, servindo de principal ponte entre uma das mais exemplares universidades brasileiras, a Universidade Estadual Paulista (**Unesp**), e a sociedade.”



Marcelo Luciano Martins Di Renzo, presidente da ABEU

“Meu primeiro contato com a Editora Unesp se deu por meio de algumas obras, ainda devido ao magistério. Conhecer mesmo ocorreu a partir de 2003, quando assumi a direção da Editora Universitária Leopoldianum e passei a participar da Associação Brasileira das Editoras Universitárias. Eu me aproximei da diretoria e de alguns funcionários da Editora, passei a frequentar a sede em determinadas ocasiões e a compartilhar a visão **Unesp** de editoração universitária. A Abeu baseia-se na ideia da atuação coletiva, e a Editora da Unesp defende esse ideal. Além disso, é um exemplo do pensar o negócio editorial universitário. Guardo uma imagem afetiva da sede da editora, posto ser leitor de Monteiro Lobato.”



Marcelo Knobel, reitor da Unicamp

“Conheci a Editora Unesp ainda na graduação, e me recordo fortemente de duas obras que foram importantes para mim: As

leis do caos, de Ilya Prigogine, e *O grande, o pequeno e a mente humana*, de Roger Penrose. O trabalho da Editora é muito importante para o avanço do conhecimento no país. Aproveito a oportunidade para parabenizar a Editora pelos seus 30 anos!”



Ignácio de Loyola Brandão, escritor e jornalista

“Tenho uma ligação muito sentimental com a **Unesp** em si. Sempre que eu vou a feiras, a Editora Unesp tem um belo estande. E as edições são moderníssimas, caprichadas. É uma coisa digna de editoras de grande porte. Um dia eu vou passar com um caminhão na Livraria Unesp para levar todos os livros que eu quiser.”



Manuel da Costa Pinto, jornalista especializado em literatura

“A Editora Unesp não só é uma das mais importantes editoras universitárias do país, como é pioneira. Eu tive a oportunidade de trabalhar na Edusp nos anos 1990, e, sem dúvida alguma, o trabalho que a **Unesp** fez foi fundamental para que a gente elaborasse um plano de autonomia editorial na Edusp. Portanto, a Editora Unesp é uma referência, tanto em termos de gestão, de projeto editorial, quanto de catálogo, com obras importantíssimas: do ensaísmo, da pesquisa acadêmica, como também da filosofia internacional, da reflexão dos mais variados campos.”



Schneider Carpeggiani, jornalista do Suplemento Pernambuco

“Eu devo muito da minha formação humanística ao catálogo da Editora Unesp, uma referência fundamental em se tratando de editora universitária no país. E, aliado a isso, a Editora Unesp sempre procurou olhar para o futuro. Lançou, por exemplo, mão das possibilidades tecnológicas para ampliar o acesso ao livro e ao saber. Diante disso tudo, só temos a comemorar as suas três décadas de atuação no mercado.”



Petra Hardt, publisher da Editora Suhrkamp Verlag

“Quando se olha para o mundo, a Editora Unesp ocupa uma posição excepcional em matéria de solidariedade e eficiência. A decisão do conselho de publicar as edições completas

de Theodor W. Adorno e Jürgen Habermas em língua portuguesa é mais uma prova da alta sustentabilidade e qualidade da editora nesses últimos trinta anos. Seu programa de publicação é reconhecido internacionalmente, o que faz da Editora uma valiosa intermediária na transferência de conhecimento entre a região do Atlântico e do Pacífico. *Ad multos annos, queridos colegas.*”



Hans Gumbrecht, teórico literário

“Desde minha primeira visita acadêmica, em 1977, o Brasil se tornou, ao lado dos EUA e da Alemanha, um dos meus pontos de referência intelectual e profissional. E a Editora Unesp, uma casa editorial que corresponde à importância do Brasil e de sua intelectualidade, significa combinar o jeito de ser e a paixão sul-americanos com a competência e o julgamento que alcançam – e às vezes superam – os padrões do hemisfério norte. Eu quero estar presente e ser acessível para os leitores da academia brasileira (e da não academia também) porque o Brasil tem sido inspirador para mim. Esse objetivo nunca foi tão bem alcançado como agora, nas mãos da Editora Unesp.”

Editora Unesp 30 anos. Você conta essa história.

Para festejar seus 30 anos, a Editora Unesp convida você – seu leitor, autor, colaborador e parceiro – a partilhar sua experiência com seus livros e contar sua história. Afinal, ninguém melhor do que você para testemunhar a relevância de seu trabalho. Conte qual foi a importância de algum livro da Editora Unesp em sua vida, alguma passagem interessante ou a forma que determinado autor o marcou.

Confira o regulamento e participe da campanha. Os 100 primeiros participantes que se encaixarem no regulamento vão ganhar um bloco para suas próprias anotações e uma caneta comemorativa dos 30 anos da Editora Unesp.

Confira o regulamento em:
<<https://goo.gl/nS6hY7>>.

Colaboração com a Intel

Unesp participará de criação de centro de excelência para promover Aprendizagem de Máquinas

A Unesp e a empresa Intel iniciaram uma parceria para desenvolver um centro de excelência em Aprendizagem de Máquinas (Machine Learning). O objetivo da iniciativa é colaborar com o setor industrial e a comunidade científica na solução de problemas complexos por meio da utilização da Inteligência Artificial.

A ação integra a proposta da empresa de concretizar três centros desse tipo no Brasil, dois deles em São Paulo – o segundo envolvendo a Universidade Presbiteriana Mackenzie – e um no Rio de Janeiro, por meio da empresa AI2Biz.

A cooperação da Intel com as três instituições vai promover workshops para a comunidade científica



Shutterstock

Parceria visa resolver problemas utilizando Inteligência Artificial

e os desenvolvedores de software, a fim de ressaltar o potencial da Inteligência Artificial no Aprendizado de Máquinas. A Unesp e as outras parceiras também vão colaborar com clientes da Intel na realização de provas de conceito, projetos-piloto

e soluções para diferentes verticais (concentração das etapas de produção numa mesma empresa). Atualmente, há projetos em andamento na área financeira e no setor de petróleo e gás.

“Com esses projetos, estamos acelerando o poder e a

velocidade de análise de dados por meio de uma contínua evolução da computação de alta performance, Big Data e Inteligência Artificial”, avalia Mauricio Ruiz, diretor geral da Intel Brasil.

“Além de problemas de ciência básica deveremos atacar algumas áreas com forte impacto socioeconômico, como diagnósticos através da análise de imagens médicas e melhoria dos agronegócios com imagens de satélites”, explica Sérgio Novaes, diretor científico do Núcleo de Computação Científica (NCC) da Unesp.

A Intel fornecerá aos projetos de Machine Learning ferramentas para trazer performance às aplicações de Big Data. Os centros terão contato com engenheiros de software da Intel e contarão com suporte

técnico personalizado. As tecnologias de Big Data que fazem uso de algoritmos de Inteligência Artificial geralmente demandam grande poder computacional e máquinas de alto desempenho.

Os centros de Machine Learning fazem parte de uma iniciativa global da companhia que visa prover capacitação em Inteligência Artificial para estudantes na área de computação e desenvolvimento de aplicações de Inteligência Artificial.

Informações:
<<https://goo.gl/MXauQ6>>.
Fernando Ordones
Tel: (11) 3365-5814
E-mail:
<fernando.ordones@intel.com>

Escola com temas de vanguarda da Física

ICTP-SAIFR e Perimeter Institute oferecem mestrado conjunto a alunos de graduação

Ivan Cardoso

O ICTP-SAIFR (Instituto Sul-Americano para Pesquisa Fundamental), localizado no Instituto de Física Teórica (IFT) da Unesp, em parceria com o Perimeter Institute, do Canadá, organizou, entre os dias 10 e 15 de julho, a segunda edição da escola IFT-Perimeter-SAIFR Journeys into Theoretical Physics. Nathan Berkovits, diretor do ICTP-SAIFR, disse que o objetivo é duplo: “Atrair os melhores alunos para conhecer o Instituto e, ao mesmo tempo, criar um ambiente para que eles se conheçam e troquem experiências”.

A escola, voltada para alunos do último ano de graduação em Física, traz “temas interessantes de física teórica que não são normalmente aprofundados no currículo da graduação, mas que se ligam a conceitos aprendidos durante esses anos, apresentando (aos alunos) o que está em discussão atualmente no mundo científico”, conta Pedro Vieira, coordenador do Perimeter no IFT e um dos

organizadores da escola.

Alexandre Reily Rocha, vice-coordenador da Pós-Graduação no IFT, trouxe em suas aulas conceitos em matéria condensada. “Minha ideia foi abordar temas com que (os alunos) não têm muito contato na graduação, mas com ferramentas que aprenderam lá, apresentando o que há de interessante acontecendo na área”. Já com Rogerio Rosenfeld, do ICTP-SAIFR, os estudantes puderam ter uma introdução a estudos cosmológicos, passando pela termodinâmica do princípio do universo.

Robert Myers, pesquisador do Perimeter Institute, apresentou fundamentos da chamada “gravidade de Einstein”, cobrindo as bases das teorias da relatividade geral e especial e indo além, discutindo conceitos como buracos negros e a radiação de Hawking. Asimina Arvanitaki, também do Perimeter, trouxe para os alunos tópicos em física de partículas que estão na vanguarda das investigações e apresentou



Ivan Cardoso

Evento: alunos conhecem o que é discutido no mundo científico

os chamados experimentos “tabletop”, experimentos de pequena escala que demandam energias e gastos menores do que, por exemplo, os grandes experimentos com o LHC, na Europa, e podem fazer previsões de fenômenos que vão de nível subatômico, como neutrinos cósmicos, a níveis galáticos, como ondas gravitacionais.

OPORTUNIDADE DE MESTRADO

Ao final da semana de aulas,

os alunos realizaram duas provas escritas no sábado, dia 15. A primeira prova, no período da manhã, versou sobre os conhecimentos adquiridos durante o curso, enquanto a segunda, no período da tarde, fez parte do Prêmio IFT-Unesp/ICTP-SAIFR para jovens físicos, aberto também para outros alunos de graduação que não se matricularam no curso. Os cinco alunos que atingirem os melhores resultados em ambas

as provas serão convidados a participar de mestrado conjunto entre o IFT e o Perimeter Institute, recebendo uma bolsa integral.

O programa de mestrado é resultado da parceria entre os dois institutos iniciada em 2016, e proporcionará aos alunos selecionados seis meses de aulas no Brasil, seguidos de dois semestres no Canadá, onde poderão desenvolver projetos de pesquisa sob orientação de pesquisadores dentro do programa PSI Scholars. Os últimos seis meses são opcionais: os estudantes poderão utilizá-los para se aprofundar mais no tema de pesquisa e publicar artigos.

A oportunidade é vista como algo positivo tanto pelos alunos quanto pelos professores. Para João Caribé, aluno do último ano em Física na UERJ, “é uma oportunidade de entrar em contato com quem está na fronteira da pesquisa, em um instituto com muitas estruturas e recursos, algo que está cada vez mais difícil (de se ter) no Brasil”.

Parceria pelo futuro

Criação de Centro de Inovação Tecnológica em Bauru une governo do Estado, prefeitura e Unesp

A Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação, a Prefeitura Municipal de Bauru e a **Unesp** firmaram, no dia 25 de julho, na sede da Secretaria, um Protocolo de Intenções para promover a implantação de um Centro de Inovação Tecnológica no município.

Marcelo Strama, subsecretário da pasta, representou, no ato, o secretário Márcio França. Ele enfatizou que esse tipo de documento fomenta ações conjuntas entre o setor produtivo e as áreas responsáveis pela geração de conhecimento. “É ótimo ver as possibilidades que se abrem de aproximação entre Estado, prefeituras e universidades hoje”, comentou.

Clodoaldo Gazzetta, prefeito de Bauru, assinou que se formou em Ciências Biológicas,



Roberto Rodrigues

Assinatura do Protocolo de Intenções: centro vai estimular novos empreendimentos na região

em 1991, na Faculdade de Ciências (FC) da **Unesp** de Bauru. “Documentos como o que assinamos hoje abrem possibilidades de alavancar processos tecnológicos em que Estado, prefeituras, universidades e a sociedade como um todo saem beneficiados”, disse.

Vice-reitor da **Unesp**, Sergio Nobre, representando o reitor Sandro Valentini, enfatizou

que inovação significa pensar no futuro. “São os jovens que inovam. Cabe aos mais experientes, os professores, abrir caminhos para que a inovação exista. A Universidade é o local onde tudo isso se realiza”, afirmou.

Marcelo Carbone, diretor da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da **Unesp** de Bauru, ressaltou a presença e o envolvimento

das três unidades da Universidade no processo que levou à assinatura. “Agradeço a participação de todos que auxiliaram na soma de esforços que tornou esta assinatura possível”, afirmou, acentuando que a Faculdade de Ciências e a Faculdade de Engenharia integram, com a FAAC, a **Unesp** em Bauru.

A intenção do documento é realizar reuniões, promover

estudos e fazer gestões necessárias junto aos órgãos e entidades competentes.

O Centro de Inovação Tecnológica de Bauru (CITEB) propõe-se como um estimulador de novos empreendimentos e de integração entre a Universidade, governo, órgãos de fomento ao empreendedorismo e à inovação e novos negócios que surgem com o apoio desses agentes.

A estrutura do CITEB é alicerçada sobre o Sistema Local de Inovação de Bauru e seu entorno, com base na cultura da inovação, concepção da pesquisa, desenvolvimento e engenharia de novos produtos e/ou processos, atendendo empresas e organizações, objetivando proteger e fortalecer a competitividade e a sustentabilidade econômica e o desenvolvimento social desses empreendimentos.

Bom desempenho nos rankings internacionais

Na América Latina, Universidade obteve a 12ª posição no Times Higher Education, e o terceiro lugar, no QS Top Universities Under 50

A **Unesp** alcançou posições de destaque em edições recentes de dois rankings de prestígio internacional. No Times Higher Education (THE), obteve a 12ª posição entre 81 instituições latino-americanas. Já no QS Top Universities Under 50, manteve-se na posição 71-80 das universidades mais jovens, registrada nos três últimos anos.

THE

O THE tem como critérios de avaliação o ambiente e as atividades de ensino (36%), o ambiente e as atividades de pesquisa (34%), as citações recebidas (20%), a internacionalização (7,5%) e a transferência de conhecimento e inovação (2,5%).

Observa-se que houve alteração nos pesos relativos utilizados na classificação das universidades para a edição 2017. A principal diferença foi a pontuação para o



Rankings estão entre os mais prestigiados do mundo

critério Citação, que passou de 30% na edição de 2016 para 20% em 2017. Essa diferença de 10% reverteu para um acréscimo de 6% no critério Ensino, que passou a ter 36% da nota total, e de 4% para Pesquisa, segundo maior peso na nota, com 34%.

QS

No QS Top Universities Under 50, entre 150 universidades avaliadas, a **Unesp** obteve a terceira posição na América Latina (ascendendo em uma posição relativamente à

avaliação anterior), e a primeira posição no Brasil.

Outro aspecto importante a destacar, nesse ranking, reside no fato de que, no item Pesquisa, a **Unesp** obteve o indicador Very High, o que mostra seu empenho nessa atividade-fim.

Essas posições obtidas pela **Unesp** revelam-se ainda mais significativas se considerarmos o fato de que 40% do peso da avaliação QS deve-se ao item Academic Reputation, que é fruto de indicações do meio acadêmico

Reprodução

internacional. A **Unesp** vem ganhando mais visibilidade científica internacional, aspecto que deve ser continuamente incentivado por meio de ações indutoras já em implementação na Universidade, visando ao aumento da produção científica em inglês em revistas de impacto, à atração de estudantes e pesquisadores estrangeiros, ao oferecimento de disciplinas de graduação e de pós-graduação em inglês, à intensificação das atividades de colaboração científica no âmbito dos acordos de cooperação acadêmica internacional e à correta descrição da afiliação institucional nas publicações.

PERFIS DIFERENCIADOS

Cabe ressaltar, no entanto, que ambos os rankings comparam universidades de perfis muito diferentes, em termos de número de alunos e de docentes. A título de exemplo

observa-se, no ranking QS, que as 10 primeiras colocadas, predominantemente asiáticas, revelam média de alunos FTE (full-time equivalent) quase três vezes inferior à da **Unesp**. Desse modo, tem-se comparadas universidades e institutos menores e eminentemente de pesquisa com universidades amplas, de ensino, pesquisa e extensão, como é o caso da **Unesp**.

A tabela completa da classificação está disponível em: <https://goo.gl/BXwhN9>.

A metodologia detalhada pode ser verificada em: <https://goo.gl/USKGAQ>.

Para demais informações, visite: <https://ape.unesp.br/ranking/> ou consulte a Comissão de Avaliação Institucional dos Rankings da Unesp: rankings@reitoria.unesp.br.

Professora integra nova diretoria da SBPC

Uma nova diretoria tomou posse na Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), no dia 20 de julho, durante a 69ª Reunião Anual da entidade, em Belo Horizonte. Pesquisador do Instituto de Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Ildeu de Castro Moreira foi eleito para o cargo de presidente. Também foram empossados como vice-presidentes Vanderlan da Silva Bolzani, professora do Instituto de Química da Unesp, e Carlos Roberto Jamil Cury, professor emérito da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais e atualmente docente da PUC-MG.

Entre outros cargos que ocupou, Vanderlan foi diretora-executiva da Agência Unesp de Inovação (AUIN) e atualmente é vice-presidente da Fundação para o Desenvolvimento da Unesp (Fundunesp). “Ganhar uma eleição concorrida é sempre motivo de satisfação, pois é indicativo de aceitação pela comunidade acadêmica nacional – e, no caso da SBPC, de todas as áreas e tendências”, afirma Vanderlan. “Acredito que é também o reconhecimento do trabalho que venho desempenhando na Sociedade, onde fui membro do Conselho Consultivo por um mandato e da qual era vice-presidente.”

No atual mandato, a docente será responsável pela coordenação da Comunicação e Difusão Científica da SBPC, área em que, segundo Vanderlan, já foram definidas algumas ações. “E a mais recorrente delas é nos comunicarmos com a sociedade”, assinala. Vanderlan ressalta que os cientistas são reconhecidos pela população, mas poucas pessoas entendem



Divulgação
Vanderlan critica atual descaso com a ciência no Brasil

o seu papel no desenvolvimento do país e na melhoria da qualidade de vida dos brasileiros. “Se conseguirmos sensibilizar o cidadão comum de que só o avanço da ciência vai levar à cura de câncer, de dengue, de malária etc., certamente estaremos contribuindo na edificação de uma sociedade mais consciente de sua força e na melhoria do país.”

Vanderlan critica a situação vivida hoje pela ciência no Brasil. “O descaso e falta de sensibilidade da atual gestão pode ser vislumbrado pela completa falta de verba no Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC). A redução drástica de recursos compromete pesquisas de grande impacto internacional e que tanto projetaram o Brasil nos últimos anos, como ocorreu nos casos de energias renováveis e do vírus zika”, argumenta. “A SBPC tem uma grande missão neste momento, que é mobilizar toda a comunidade científica e toda a sociedade sobre o papel da ciência para o desenvolvimento nacional.”

Pesquisador na Sociedade Brasileira de Física

Diretor do Instituto de Física Teórica (IFT), Câmpus da Unesp de São Paulo, Rogerio Rosenfeld foi eleito vice-presidente da Sociedade Brasileira de Física (SBF). A nova diretoria da entidade foi empossada no dia 18 de julho, para o biênio 2017/2019, tendo Marcos Pimenta, da Universidade Federal de Minas Gerais, como presidente.

A diretoria assumiu com propostas como a melhoria da comunicação com seus associados e a comunidade em geral: “Além de buscar utilizar novas mídias, buscaremos formular propostas de comunicação da SBF para além da comunidade de físicos, visando mostrar a importância da física para toda a sociedade”, diz a Carta de Intenções da chapa vencedora das eleições.

Outra prioridade será a ênfase na divulgação científica, promovendo o interesse da população pela física. “A SBF poderá organizar webinars utilizando ferramentas modernas de videoconferência (Youtube, GoToMeeting, Zoom, etc.), que facilitam o acesso de qualquer pessoa aos seminários, inclusive com o telefone celular”, assinala a Carta de Intenções.

A nova direção da SBF também deverá se empenhar junto a órgãos de fomento para viabilizar a realização das



Divulgação
Difusão da área é prioridade da equipe que Rosenfeld integra

Olimpiadas de Física. “Além disso, buscaremos por parcerias que possam ajudar a organização e obter maior impacto com as Olimpíadas, a exemplo do que acontece com as Olimpíadas de Matemática”, diz o documento.

Os dirigentes recém-empossados prometem ainda fomentar a internacionalização da física brasileira, investindo em projetos de intercâmbio de pesquisadores e estudantes de diversos países – como já ocorre por meio da parceria da SBF com a American Physical Society (APS). “Nossa pretensão é ampliar esse tipo de acordo com outras sociedades na Europa, América Latina, Ásia-Oceania e África”, destaca a Carta de Intenções.

SEMPRE UNESP

Egresso participa de Fórum da Juventude dos Brics

Egresso do Programa San Tiago Dantas (Unesp, Unicamp e PUC-SP), Victor Oliveira foi um dos membros da delegação brasileira que participou do Fórum da Juventude dos Brics, que aconteceu em Pequim, entre os dias 24 e 28 de julho. No encontro, jovens representantes de Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul participaram de uma agenda intensa, com reuniões, debates, mesas-redondas e visitas.

Como resultado dessas atividades, foi aprovado o Action Plan de 2017, documento oficial que será encaminhado aos chefes de Estado dos Brics, na Cúpula



Divulgação
Oliveira: brasileiros propuseram maior participação de mulheres

de Xiamen, também na China, nos dias 3 e 5 de setembro.

A delegação brasileira tinha

nove integrantes, cinco homens e quatro mulheres. A seleção foi feita pela ONG Instituto Global Attitude, com base no currículo e em vídeos enviados por quase 300 candidatos.

De acordo com Oliveira, no encontro, os brasileiros propuseram que nas futuras reuniões do Fórum haja a participação mínima de 50% de delegadas mulheres. “Sugerimos a adoção de uma política de facilitação na emissão de vistos entre nacionais dos Brics e também a criação de plataformas de intercâmbios culturais permanentes entre a juventude dos Brics, entre outros temas

relevantes”, assinala.

Oliveira classifica como excelente sua experiência no Programa San Tiago Dantas, em que desenvolveu mestrado sobre a integração da infraestrutura física na América do Sul, investigando a atuação do Conselho Sul-Americano de Infraestrutura e Planejamento (Cosiplan) no âmbito da União de Nações Sul-Americanas (Unasul).

“O PPGR San Tiago Dantas é um dos melhores programas de pós-graduação em Relações Internacionais da América Latina, atraindo professores e pesquisadores não apenas

de outros Estados brasileiros, mas também pós-graduandos de países latino-americanos e até da Ásia”, afirma. “Além de aulas excelentes, a estrutura da biblioteca, os grupos de pesquisa e as palestras, seminários e simpósios realizados, contribuem para uma produção acadêmica de qualidade, aliada à realização de importantes debates, com impacto nacional e internacional.”

Victor Oliveira
<victorapo@hotmail.com>
Tel.: (11) 98921-9892



Três prêmios no Canadá

Encontros distinguem aluna que faz doutorado em cotutela entre Unesp e Universidade de Laval

Divulgação



Aline recebe premiação da CSAS: estudo da alimentação de suínos

Pesquisadora da área de nutrição para não-ruminantes, Aline Remus recebeu recentemente três premiações no Canadá. Ela realiza um doutorado na modalidade cotutela, sendo orientada no Brasil pelo professor Luciano Hauschil, do Departamento de Zootecnia da Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias da **Unesp** de Jaboticabal, e, no Canadá, pela professora Marie-Pierre Letourneau Montminy, da Universidade de Laval.

Em maio, ela obteve o segundo lugar na modalidade Pôster durante a Conferência de Nutrição Animal do Canadá 2017 (ANCC), na cidade de Quebec. No evento, a doutoranda apresentou o pôster

“Amino acids requirements and utilization by pigs differ between precision and conventional feeding programs”.

Em julho, Aline conquistou outras duas distinções, concedidas pela Associação Canadense de Ciência Animal (CSAS), em congresso na cidade de Baltimore. Uma delas foi o segundo lugar na competição de apresentações orais, com o resumo “Muscle amino acid composition of pigs is influenced by the feeding system and amino acid intake”.

Nesse encontro, ela recebeu o Graduate Student Travel Award, concedido pela CSAS a um estudante de cada universidade canadense que apresentasse trabalho no

congresso. A doutoranda foi escolhida pelo chefe de Departamento de Ciências Animais da Université Laval por seu desempenho acadêmico e pelo estudo apresentado.

“Eu acho que esses prêmios mostram que nós, estudantes brasileiros, temos capacidade, conhecimento e estamos bem preparados para competir contra qualquer estudante em nível internacional”, comenta.

Em seu doutorado, Aline compara dois modelos de alimentação para suínos: o sistema convencional de três fases (o programa de alimentação mais usado no mundo) e o sistema de nutrição de precisão. No primeiro, todos os animais recebem a

mesma dieta durante o período de crescimento, enquanto no segundo cada suíno recebe uma dieta formulada de acordo com suas exigências diárias do aminoácido lisina.

A pesquisadora argumenta que a nutrição de precisão diminui custos e reduz a excreção de substâncias poluentes no ambiente, como o nitrogênio.

“Nós acreditamos que, ajustando a dieta de indivíduos não somente para lisina, mas também para outros aminoácidos, podemos melhorar ainda mais a renteção de nitrogênio, poluindo menos, e aumentando a eficiência de utilização de aminoácidos por suínos, tornando o sistema ainda mais eficaz”, esclarece.

Projeto aproxima jovens da política

Divulgação

Desde 2010, o Centro de Estudos e Pesquisa sobre Corrupção (CEPC) desenvolve o Projeto Política para Jovens, voltado para a discussão de temas políticos em escolas de ensino médio da rede pública da região de Franca. A iniciativa tem a orientação da professora Rita de Cássia BIASON, do Departamento de Educação, Ciências Sociais e Políticas Públicas da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Câmpus da **Unesp** de Franca.

O projeto abrange um conjunto de oito a dez aulas sobre questões da política oferecidas em escolas da região de Franca. “Trabalhamos de quatro a sete escolas por ano, além de cursinhos populares, como o oferecido pela **Unesp** na cidade”, informa Lucas Boscolo, aluno do segundo ano de Direito e coordenador do centro. “Já atuamos até em centros de reabilitação de jovens infratores, como a Fundação Casa.”

Boscolo enfatiza que as aulas focalizam temas como corrupção, três poderes, sistema partidário e financiamento de campanha, entre outros. “Nós apresentamos as questões e, no final, fazemos uma discussão com os alunos, para avaliar a efetividade da nossa proposta”, explica.



Aulas em escola de Franca: debate de temas como corrupção

O grupo do Centro – que reúne cerca de vinte alunos do Câmpus de Franca – enfrenta situações muito diferentes em cada escola. “Às vezes, há uma resistência absoluta à discussão dos temas e, por outro lado, há salas de aula com grande participação dos alunos”, comenta Boscolo, acrescentando que os universitários também enriquecem seus conhecimentos com esse contato com os alunos da rede pública. “Eles costumam ter uma vivência e pontos de vista complementares à nossa visão.”

A experiência gerada pelo projeto, segundo Boscolo, levou à produção do livro *Política brasileira – uma abordagem introdutória*, de autoria da professora Rita. O coordenador ressalta que a equipe do Centro planeja expandir o projeto para escolas de ensino fundamental, uma idéia que começou a ser implantada no ano passado. “Também temos a proposta de levar o projeto para outros câmpus da **Unesp**, que poderiam aplicar esse processo em escolas da sua região”, acentua.

Evento de aquicultura destaca mestrando

Omestrando Inácio Mateus Assane, orientado da professora Fabiana Pilarski, do Programa de Pós-Graduação em Aquicultura do Centro de Aquicultura da Unesp (Caunesp) foi premiado em 2 categorias no Congresso Internacional World Aquaculture 2017, que ocorreu na Cidade do Cabo, na África do Sul, de 26 a 28 de junho.

Assane apresentou um dos três melhores resumos submetidos ao congresso, intitulado “Thiamphenicol: in-vitro activity against bacteria pathogenic to fish”. Ele também conquistou a segunda posição na apresentação oral de resumos na plenária do evento.

“Considero que foi uma oportunidade ímpar participar

desse evento e apresentar o trabalho que desenvolvemos em nosso laboratório”, declara o pós-graduando. Em seu mestrado, Assane investiga o uso do antibiótico tianfenicol contra um grupo de bactérias que afetam os peixes: a *Aeromonas hydrophila*, a *Streptococcus agalactiae* e os gêneros *Vibrio* e *Lactococcus*.

Ele esclarece que o tianfenicol já é utilizado em outros países para tratamento de peixes afetados por bactérias. “Estamos analisando a aplicação desse antibiótico na produção de tilápias no Brasil”, comenta.

O moçambicano Assane fez a sua graduação na Faculdade de Ciências Agrárias da Universidade Zambeze. “Desde 2016, estou na **Unesp** para realizar o meu mestrado”, acrescenta.



Assane (centro) é premiado: pesquisa de antibiótico para peixe

Divulgação

AGÊNCIA UNESP DE INOVAÇÃO

Unesp inaugura laboratório de referência



Foi inaugurado, no dia 5 de julho, o Laboratório de Aquicultura Sustentável do Centro de Aquicultura da Unesp (Caunesp), no Câmpus de São Vicente. Com financiamento de FINEP, MCTIC, CNPq, MPA e Fapesp, o local passa a ser o laboratório central da Rede de Pesquisa em Aquicultura Sustentável, formada por cerca de 40 pesquisadores das cinco regiões do Brasil. Além da Rede, atenderá a todos que precisarem realizar análises para atividades de pesquisa ou produção.

O Laboratório está equipado para realizar

análises de energia, carbono, nitrogênio e fósforo em amostras sólidas, líquidas e gasosas. Permite medir a emissão de gases do efeito estufa e fazer análises de ciclagem de nutrientes, além de análises fisiológicas, com a determinação do consumo de oxigênio e da liberação de amônia e fósforo pelos animais cultivados.

O Laboratório foi implantado pelo professor Wagner C. Valenti e está sob a responsabilidade da professora Alessandra S. Augusto (<aaugusto@clp.unesp.br>).

Estiveram presentes à inauguração representantes do vice-governador do Estado

de São Paulo, Marcio França; Renato Donato, representante do deputado estadual Caio França; o pró-reitor de Pesquisa da Unesp, Carlos Frederico de Oliveira Graeff; o coordenador da AUIN, Guilherme Wolff Bueno; a coordenadora-executiva do Caunesp, Irani Quagio Grassiotto; o coordenador do Programa de Pós-Graduação em Aquicultura do Caunesp, Sergio R. Batlouni; a diretora da WAS, Patrícia Maria Contente Moraes Valenti; representantes do Instituto Pesca; além de docentes e alunos do Câmpus de Registro da Unesp.

Divulgação do vestibular supera 5 milhões de alunos

Desde 1996, a Fundação Vunesp promove o Programa de Divulgação do Vestibular Unesp junto às escolas públicas estaduais, que já atingiu mais de 5 milhões de alunos. Nessa iniciativa, professores da Unesp vão às escolas esclarecer os alunos sobre a Universidade e seu vestibular.

Desde 2006, os professores são acompanhados por estudantes da Unesp egressos da rede pública, o que contribui para que os alunos da rede reconheçam seu perfil socioeconômico nos alunos da Unesp.

O Guia de Profissões, disponível online em <www.unesp.br/guiadeprofissoes>, é entregue nas visitas.

O Programa é regido por convênio entre Unesp, Fundação Vunesp e Secretaria de Estado da Educação (SEE-SP) e integra o Programa de Divulgação, Orientação e Informação Profissional da Pró-reitoria de Extensão Universitária (Proex).

Em 2016, 3.576 alunos ingressantes na Unesp – 48,7% do total – eram egressos de escolas públicas; em 2017, esse percentual subiu para 50,1%: dos 7.363 matriculados, 3.689 vêm de escola pública.

Se, além dos alunos

matriculados que na inscrição para o vestibular declararam ter todo o ensino médio em escola pública, forem considerados os egressos dos cursinhos da Unesp, dos colégios técnicos da Unesp e aqueles que cursaram a maior parte do ensino médio em escola pública, em 2017, 3.864 ingressantes, ou 52,5% dos matriculados, têm origem em escola pública (veja quadro).

Em 2017, nos cursos de graduação da Unesp, a proporção de ingressantes oriundos de escolas públicas foi de, no mínimo, 45%. Para o Vestibular Unesp 2018, a meta é que essa proporção chegue, no mínimo, a 50%.

Entre os inscritos para o vestibular beneficiados pelo Convênio, os 18 candidatos melhor classificados (seis por área de conhecimento) recebem bolsa de estudos para

o curso no qual ingressaram.

Ao final de 2016, o número de bolsistas Vunesp totalizou 52 alunos, os quais participam de projetos de iniciação científica/extensão/complementação de estudos associados às bolsas, sob orientação de docentes e com Plano de Atividades e Relatórios acompanhados pela Fundação Vunesp. A esses 52 bolsistas somam-se 18 novos bolsistas ingressantes no Vestibular 2017.

Parte dos alunos já matriculados na Unesp também volta ao Programa como divulgadores, com ajuda de custo pelas visitas às escolas. Em 2017, foram 140 alunos da Unesp egressos de escolas públicas que, acompanhando os 77 professores, compartilharam no ensino médio a experiência do vestibular e da vida universitária.

Matrículas	Vestibular UNESP / ano				
	2013	2014	2015	2016	2017
Escola Pública	7.019	7.253	7.254	7.337	7.363
Total Matrículas Unesp					
Total Matrículas Escola Pública (pagantes + isentos + SEE + Etecs + Curs. Unesp + CTAUnesp)	3.038	3.096	3.228	3.576	3.864
Proporção Matrículas Escola Pública	43,3%	42,7%	44,5%	48,7%	52,5%



GOVERNADOR: Geraldo Alckmin
SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO,
CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO
SECRETÁRIO: Márcio França

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

REITOR: Sandro Roberto Valentini
VICE-REITOR: Sergio Roberto Nobre
PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO E GESTÃO: Leonardo Theodoro Büll
PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO: Gladis Massini-Cagliari
PRÓ-REITOR DE PÓS-GRADUAÇÃO: João Lima Sant'Anna Neto
PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: Cleopatra da Silva Planeta
PRÓ-REITOR DE PESQUISA: Carlos Frederico de Oliveira Graeff
SECRETÁRIO-GERAL: Arnaldo Cortina
CHEFE DE GABINETE: Carlos Eduardo Vergani
ASSESSOR-CHEFE DA ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO E IMPRENSA: Oscar D'Ambrosio
ASSESSOR-CHEFE DA ASSESSORIA DE INFORMÁTICA: Edson Luiz França Senne
ASSESSOR-CHEFE DA ASSESSORIA JURÍDICA: Edson César dos Santos Cabral
ASSESSOR-CHEFE DE PLANEJAMENTO E ORÇAMENTO: José Roberto Ruggiero
ASSESSOR-CHEFE DE RELAÇÕES EXTERNAS: José Celso Freire Júnior
ASSESSOR ESPECIAL DE PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO: Rogério Luiz Buccelli
DIRETORES/COORDENADORES-EXECUTIVOS DAS UNIDADES UNIVERSITÁRIAS:
Max José de Araújo Faria Júnior (FMV-Araçatuba), Wilson Roberto Poi (FO-Araçatuba), Luis Vitor Silva do Sacramento (FCF-Araraquara), Elaine Maria Sgavioli Massucato (FO-Araraquara), Cláudio César de Paiva (FCL-Araraquara), Eduardo Maffud Cilli (IQ-Araraquara), Andréa Lúcia Dorini de Oliveira (FCL-Assis), Marcelo Carbone Carneiro (FAAC-Bauru), Dagmar Aparecida Cynthia França Hunger (FC-Bauru), Edson Antonio Capello Sousa (FE-Bauru), Carlos Frederico Wilcken (FCA-Botucatu), Pasqual Barretti (FM-Botucatu), Maria Dalva Cesario (IB-Botucatu), José Paes de Almeida Nogueira Pinto (FMVZ-Botucatu), Paulo Alexandre Monteiro de Figueiredo (FCAT-Dracena), Célia Maria David (FCHS-Franca), Mauro Hugo Mathias (FE-Guaratinguetá), Enes Furlani Junior (FE-Ilha Solteira), Antonio Francisco Savi (Itapeva), Pedro Luís da Costa Aguiar Alves (FCAV-Jaboticabal), Marcelo Tavella Navega (FFC-Marília), Edson Luís Piroli (Ourinhos), Marcelo Messias (FCT-Presidente Prudente), Patrícia Gleydes Morgante (Registro), Cláudio José Von Zuben (IB-Rio Claro), José Alexandre de Jesus Perinotto (IGCE-Rio Claro), Guilherme Henrique Barris de Souza (Rosana), Maria Tercília Vilela de Azeredo Oliveira (Ibilce-São José do Rio Preto), Estevão Tomomitsu Kimpara (ICT-São José dos Campos), Valerie Ann Albright (IA-São Paulo), Rogério Rosenfeld (IFT-São Paulo), Marcos Antonio de Oliveira (IB/CLP-São Vicente), Eduardo Paciência Godoy (ICT-Sorocaba) e Danilo Fiorentino Pereira (FCE-Tupã).

jornalunesp

EDITOR: André Louzas
REDAÇÃO: Marcos Jorge e Maristela Garmes
COLABORARAM NESTA EDIÇÃO: Diego Moura (texto); Roberto Rodrigues e Marília Cunha Lignon (foto); Ivan Cardoso (texto e foto)
EDIÇÃO DE ARTE E DIAGRAMAÇÃO: Phábrica de Produções (diretores de arte: Alecsander Coelho e Paulo Ciola) (diagramadores: Ércio Ribeiro, Icaro Bockmann, Kauê Rodrigues, Marcelo Macedo e Rodrigo Alves)
REVISÃO: Maria Luiza Simões
PRODUÇÃO: Mara Regina Marcato
APOIO ADMINISTRATIVO: Thiago Henrique Lúcio
TIRAGEM: 3,5 mil exemplares
Este jornal, órgão da Reitoria da Unesp, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI). A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.

ENDEREÇO: Rua Quirino de Andrade, 215, 4.º andar, Centro, CEP 01049-010, São Paulo, SP. Telefone: (11) 5627-0323.
HOME PAGE: <http://www.unesp.br/jornal>
E-MAIL: jornalunesp@reitoria.unesp.br

IMPRESSÃO: 46 Indústria Gráfica

VEÍCULOS

Unesp Agência de Notícias:
<<http://unan.unesp.br/>>.
Rádio Unesp:
<<http://www.radio.unesp.br/>>.
TV Unesp:
<<http://www.tv.unesp.br/>>.



VIOLÊNCIA E PODER NA ESCOLA

Estudo analisa fenômeno a partir do uso que o professor faz da sua autoridade sobre os estudantes

Maristela Garmes

Ameaças e agressões que ocorrem entre alunos e professores no espaço escolar mostram que esses locais muitas vezes se parecem com um “campo de batalha”. A fim de entender melhor a conexão entre violência e educação, Rachel Fernanda Matos dos Santos defendeu sua dissertação de mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da **Unesp** de Franca. O estudo enfatiza as relações de poder entre docentes e estudantes, analisando questões como a violência simbólica – ou institucional – presente em duas escolas estaduais de ensino médio em Ribeirão Preto (SP).

“Essa é uma pesquisa que coloca a atenção em facetas da violência pouco percebidas nas escolas”, diz a orientadora do estudo, a professora Hilda Maria Gonçalves da Silva, do Departamento de Educação, Ciências Sociais e Políticas Públicas da **Unesp** de Franca.

Assistente social no Ministério Público do Estado de São Paulo, na regional de Ribeirão Preto, Rachel trata do tema da violência de duas formas: a explícita e a simbólica. A primeira é caracterizada por atos ostensivos que vão das agressões físicas, verbais,

psicológicas e danos ao patrimônio público, até o uso de álcool e drogas e o porte de armas brancas ou de fogo.

Em geral, conta a pesquisadora, esses atos possuem uma visibilidade maior porque ocorrem de forma clara e são atribuídos, principalmente, aos estudantes, embora também possam ser praticados por professores ou outras pessoas do ambiente escolar.

Já a violência simbólica, também conhecida como violência institucional, ocorre nas relações entre estudantes e professores. Isso se dá por meio do uso abusivo da autoridade pelos docentes, dos mecanismos de poder que são atribuídos a eles, e nas formas de avaliação e atitudes que desqualificam ou mesmo fazem com que os estudantes se sintam incapazes ou “inadaptados” à ordem estabelecida, segundo Rachel.

O resultado são professores que não conseguem se constituir como uma autoridade positiva, utilizando uma violência institucionalizada sem se dar conta disso, tentando impor um poder legitimado pelo sistema, com os estudantes resistindo como podem, com comportamentos inadequados e atos de indisciplina.

Esse comportamento docente

está presente nas palavras, nas regras, na distribuição dos agrupamentos de alunos e, muitas vezes, até nas devolutivas de dúvidas e nas orientações de aprendizagem um tanto desdenhosas do conhecimento, ou da falta de conhecimento dos estudantes.

A professora ressalta que a conscientização dos docentes sobre essas facetas da violência poderia contribuir em muito para minimizar algumas tensões, ofensas verbais e físicas que ocorrem no interior da escola e, em especial, para a melhoria do processo de aprendizagem. “Um estudante humilhado dificilmente aprende”, pontua.

O DESENHO DA VIOLÊNCIA

Os dados para a pesquisa foram levantados no ano passado e os estudantes analisados cursavam o 2º ano do ensino médio de escolas com diferentes índices de vulnerabilidade social. Uma delas está localizada em um bairro populoso, em região de periferia, marcada pela influência do tráfico de drogas, pela violência e pelo desemprego. Nessa instituição, participaram da pesquisa 15 estudantes e seis professores.

A outra escola está situada próximo ao centro e regiões

nobres da cidade. No seu entorno há consultórios médicos de alto padrão, escritórios, além de comércio em geral, “o que faz com que a área residencial seja menor e, em sua maior parte, formada por condomínios, caracterizando um perfil populacional com padrão um pouco mais elevado”, diz. Nesse caso, colaboraram com o estudo 25 estudantes e quatro professores.

Rachel acompanhou esses estudantes e professores dentro de sala de aula durante 15 dias. Ao longo desse período, ela verificou o comportamento dos alunos, a atitude dos professores no exercício do poder, a dinâmica das aulas, o relacionamento entre professores e estudantes, os atos ostensivos de violência e a violência simbólica.

A CULPA É DO ESTUDANTE

Outra forma de avaliação foram questionários. Um deles abordou violência escolar e foi aplicado aos alunos e professores; outro buscou retratar o perfil socioeconômico dos estudantes.

Tanto nas respostas dos alunos como dos professores há um entendimento comum do conceito de violência, que não

se limita a agressões físicas. Constatam ainda as agressões verbais e psicológicas e os danos ao patrimônio público.

Uma das constatações do estudo, diz a assistente social, confirmou uma visão do senso comum, de que “a violência escolar é um ato que de imediato é relacionado à conduta dos estudantes”, os quais, em grande parte, são responsabilizados pelas ocorrências violentas na escola.

A análise do perfil socioeconômico dos estudantes mostrou que há alguma aproximação entre eles nas duas escolas, como idade, sexo, estado civil e local de origem dos alunos. Já alguns indicadores mostraram que a escola da região periférica está mais propensa à vulnerabilidade social, por meio de indicadores que dizem respeito à raça e à renda familiar, como também pelos que apontam possíveis violações de direitos, tais como índices educacionais, histórico familiar de violência doméstica, dependência química, entre outros.

“Embora esses aspectos apareçam nas duas escolas, são mais acentuados na escola de periferia”, conclui Rachel. A pesquisa não abordou o perfil dos professores.